

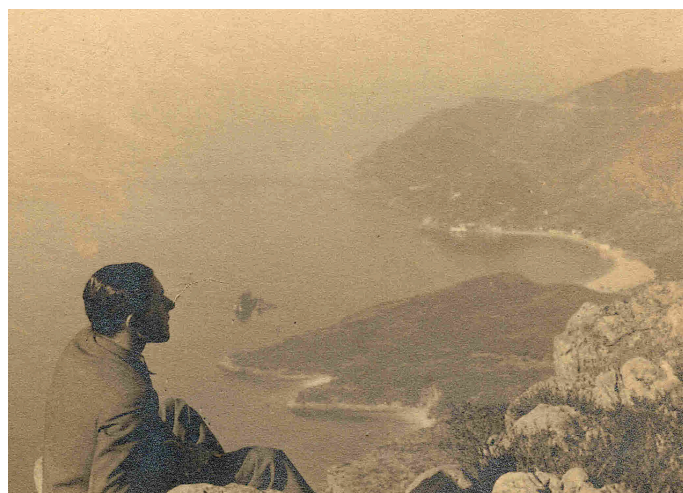
CADERNOS DO CENTRO DE ESTUDOS

VOLUME III

# Arrábida, “serra-mãe” há 80 anos

**Sobre Serra-Mãe, o primeiro livro de Sebastião da Gama**

*João Reis Ribeiro*



## SERRA-MÃI

POEMAS  
DE  
SEBASTIÃO DA GAMA



PORTUGÁLIA EDITORA  
LISBOA

2/44



ASSOCIAÇÃO CULTURAL  
SEBASTIÃO DA GAMA



VOLUME III

# Arrábida, “serra-mãe” há 80 anos

**Sobre Serra-Mãe, o primeiro livro de Sebastião da Gama**

*João Reis Ribeiro*



ASSOCIAÇÃO CULTURAL  
SEBASTIÃO DA GAMA

A primeira versão deste texto foi publicada no diário *O Setubalense*, entre 26 de Novembro de 2025 e 18 de Março de 2026, a partir de conferência apresentada nas II Jornadas Bienais de Estudos Locais de Setúbal, em 21 de Novembro de 2025, pretendendo assinalar o 80.º aniversário da publicação da primeira obra de Sebastião da Gama, *Serra-Mãe*.

## **TÍTULO**

*Arrábida, “serra-mãe” há 80 anos – Sobre Serra-Mãe, o primeiro livro de Sebastião da Gama*

Copyright: © 2026, João Reis Ribeiro e Associação Cultural Sebastião da Gama

## **CAPA**

Lourenço de Morais

## **IMAGENS DA CAPA**

Sebastião da Gama na Arrábida, 1943

Capa da 1.ª edição de *Serra-Mãe*, 1945

(Associação Cultural Sebastião da Gama - Fundo Sebastião da Gama)

1.ª Edição: Abril de 2026

Associação Cultural Sebastião da Gama

Rua José Augusto Coelho, N.º 105

2925-542 Azeitão

[www.acsgama.pt](http://www.acsgama.pt)

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

Este livro segue a grafia anterior ao Novo Acordo Ortográfico de 1990.

# Arrábida, “serra-mãe” há 80 anos

## Sobre *Serra-Mãe*, o primeiro livro de Sebastião da Gama

Em 11 de Dezembro de 1945, uma terça-feira, Sebastião da Gama (1924-1952) escrevia uma carta para a namorada, Joana Luísa (1923-2014), comunicando-lhe a saída do seu primeiro livro, notícia não desprovida de entusiasmo: «Hoje devem dar-me a gravura e amanhã começam a fazer a capa. Só sexta ou sábado teremos o nosso livro. Meu Amor!...» Feitas as contas, o livro estaria pronto a 14 ou a 15 desse mês, ali bem próximo do Natal. Não sabemos exactamente se o livro ficou pronto num desses dois dias; mas, numa carta de 18 de Março de 1946, Sebastião da Gama lembrava à namorada: «Faz hoje três meses que a *Serra-Mãe* saiu a lume. Estou a lembrar-me da minha comoção quando eram já onze horas da noite, e a vi na montra da Portugália, 18 de Dezembro — havemos (sim, Amor?) de ensinar esta data aos nossos filhos.»

Desde essa data, o livro *Serra-Mãe* tem feito um percurso em louvor da Arrábida e o seu título tem servido outras artes: a Serra, pela força transmitida pela paisagem, é constantemente motivo artístico, na fotografia, na pintura — no início da década de 1940, Hélène de Beauvoir (1910-2001) registou o Portinho na tela, imagem muito divulgada nas publicações de carácter turístico da época e, hoje, pintores como Rogério Chora ou Nuno David, entre outros, cultivam a Serra como tema —, na música — lembremos a composição *Caminhos da Arrábida*, de Rui Serodio (1937-2011), de 2001, ou a de Agostinho Caineta (1936-2025), que tomou o epíteto de Sebastião da Gama para título de uma composição que a Banda Filarmónica Perpétua Azeitonense gravou em 2000 — ou na escrita — são inúmeros os poetas que têm dedicado as suas métricas à Arrábida, como ainda recentemente aconteceu com Alexandrina Pereira, ao

publicar o seu *Arrábida - Entre a Cor e o Verso*. Mas a designação «Serra-Mãe» foi ainda mais longe e emprestou o seu nome a uma marca de vinho (produzido na SIVIPA) ou, mais recentemente, à Unidade de Saúde Familiar azeitonense (USF Serra-Mãe).

A fortuna identitária desta designação metafórica e afectiva que Sebastião da Gama atribuiu à Arrábida levou mesmo a que o título da obra fosse considerado na toponímia (facto não muito vulgar, apesar de, em Portugal, serem conhecidos os casos de *Os Lusíadas*, em várias ruas de diversas localidades, e de *Amor de Perdição*, um largo no Porto), uma iniciativa apresentada por António Cunha Bento à Associação Cultural Sebastião da Gama e à Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão no início de 2016, dois meses depois aprovada pela Câmara Municipal de Setúbal (23 de Março), com descerramento de placa de identificação toponímica em 30 de Abril seguinte, assim se assinalando, na altura, os 70 anos sobre a publicação desta obra (sublinhando-se na placa tratar-se da «1.<sup>a</sup> obra de Sebastião da Gama, 1945»). A designação «Rua Serra-Mãe» só podia ter aplicação num espaço que tivesse ligação com a Arrábida e com o poeta azeitonense, dando nome à rua por onde se acede ao Portinho da Arrábida, a partir da Estrada Nacional 379-1.

A construção da obra *Serra-Mãe* demorou quase tanto tempo quanto a vida do seu autor. Com efeito, a Arrábida desde cedo impressionou o jovem Sebastião da Gama — lembrava sua mãe, Ana Cardoso, que, ainda em criança, ele terá acompanhado alguém num passeio na Serra e, ao chegar, disse-lhe que fizera uma quadra: «Fui passear / à serra da Arrábida / e encontrei / uma mulher grávia.» Coincidência ou não, certo é

que a ideia da serra e da maternidade se conjugariam uns anos depois para dar título a um poema e ao primeiro livro, como é certo que a Arrábida desde cedo pontuou nos versos de Sebastião da Gama — o mais antigo poema em que a menciona data de Julho de 1939 e, sob o título «Conselho», recomenda ao irmão que fuja com a amada «p'ra serra Arrábida chamada / cu' alecrim belo perfume emana»... Ainda do mesmo ano, de Dezembro, é o mais antigo poema em que a serra surge como motivo — intitulado «Arrábida» (o nome da serra aparece apenas no título), a primeira estrofe diz-nos que «Portugal (...) / num local / 'scondidinho / um canteir' abençoado / tem, que pasma toda a gente»; na seguinte, há uma descrição da paisagem, como «linda serra, / a seus pés / estende-se o mar muito calmo / verde, azul e prateado»; a última faz a apologia da beleza da paisagem, recorrendo à contemplação e à comparação favorável à Arrábida, ao dizer que «tod' a vista / que encerra / encanta muit' e deslumbra; / do panorama a beleza, / que é mista / - mar e serra - / deixa Sintra na penumbra.»

A Arrábida representou para Sebastião da Gama o espaço de eleição e de descoberta, o tempo do encontro consigo e com o mundo, a motivação para o sentir poético. Data de 6 de Novembro de 1943 uma carta em que ele confidenciava a Joana Luísa: «No desenrolar da minha Poesia, cheguei à conclusão de que a missão do Poeta é, não só explicar aos outros a Grandeza da Criação Divina, mas tentar o aperfeiçoamento do Homem.» Os amigos que o acompanharam não esqueceram nunca essa busca que animava o jovem azeitonense — em 24 de Fevereiro de 1962, num texto sobre o amigo, Maria de Lourdes Belchior escrevia no *Diário de Lisboa* que «a sua vida recôndita, a que trazia nas entranhas da alma, enriqueceu-se e configurou-se nos contactos com a Serra-Mãe, nos longos silêncios de vagabundagem pelos caminhos da Arrábida» e, trinta anos depois, em *Evocação de Sebastião da Gama* (1993), David Mourão-Ferreira testemunhava: «na memória de alguns de nós, ei-lo ainda (...) aguardando-nos, à chegada da trôpega camioneta que nos tinha le-

vado até Vila Nogueira de Azeitão, para logo a seguir nos arrastar a pé, serra acima, serra abaixo, por veredas de que só ele detinha o segredo, a fim de melhor nos fazer ver ou rever todos os recantos, todos os encantos da sua Arrábida.»

Esta ligação do poeta azeitonense à Serra, de que os amigos foram dando testemunho, exprimiu-a ele em muitas e variadas ocasiões. Em primeiro lugar, com Joana Luísa, a namorada, a quem dizia, em carta do início de Agosto de 1944: «A Arrábida ocupa, como sabes, um dos bocados deste meu coração enorme e bem repartido: dizia eu há dias a um amigo, em carta, que ela é para mim como que uma mulher; que é para mim uma presença humana; e tenho saudades dela, se longe, como de uma namorada.» No final do mês, em 29, reafirmava-lhe, em jeito de declaração de amor, em curta frase, plena de emoção: «Tu e a Serra, as minhas duas noivas.» E, no final desse ano, em Dezembro, relatava-lhe um passeio dado na praia do Portinho: «Fui quase até ao fim da praia. E a Serra era uma coisa que não podia dizer-se. Parecia coberta pela cinza, que o Sol aloirava, de um veludo azul. Projecção de mim, a Serra, naquela hora calma e feliz!... E com os olhos nela, cantei a 'vida', numa toada que inventei. Eu hoje, se tivesse um piano, tinha composto mais que qualquer Beethoven. Parece que só a música seria hoje expressão conveniente de mim.»

A consolidação desta construção poética em torno da Serra aconteceu sobretudo ao longo do ano de 1945 — foi em Junho que, em nova carta para a namorada descreveu o ambiente matinal que vivia na Arrábida: «A manhã está como um verso. Parece que, sempre que vou sair, a minha Serra — a minha Amante, e minha Mãe, e minha Irmã, e minha Senhora, se veste do mais bonito, arrulha mais com a boca do Vento e com a boca do Mar, para me deter ou para começarem ainda nela as minhas saudades.» E, no mês seguinte, em 23 de Julho, nova carta saía do Portinho, dirigida a Matilde Rosa Araújo (1921-2010), a contar o diálogo com a Serra: «Espero, no entanto, que este Luar magnífico (que eu te não conto por compaixão) me faça bem. Dá-me cabo

dos nervos estar para aqui mudo, quando todas as coisas falam pelos cotovelos aqui na Serra.»

O ano de 1945 traria, contudo, uma contrariedade à vida da Arrábida: em Agosto, um incêndio castigou o Monte Abraão e parte da serra, próximo do Convento. O poeta azeite-nense sentiu a dor com muita violência, como se fica a saber pela carta que, em 26 de Agosto, dirigiu à amiga Maria de Jesus Barroso (1925-2015): «Estou-te escrevendo, com a alma cortada... Deves ter sabido do incêndio que anda a chagar a minha Serra — a minha outra Mãe. Cada queimadura ressent-se em mim. Se eu tivesse a lágrima pronta a todas as chamadas, ontem teria chorado (...). Agora tenho os braços arranhados, a roupa cheira a carvão, porque em vez de chorar peguei numa pá e durante duas horas e meia fui bombeiro. Espero que a Vida tenha dó da Serra e de mim — e faça rebentar de novo as matas. Mas até lá, estou como à cabeceira de um doente muito querido.»

O louvor poético da Arrábida, naquela que foi a primeira obra de Sebastião da Gama, estava para breve, uma forma de declarar tudo o que com a Serra aprendera, tudo o que com ela descobrira.

Ao mesmo tempo que Sebastião da Gama partilhava a sua descoberta da Arrábida e a sua construção da «serra-mãe» com quem lhe era próximo, corria na sua imaginação o título do que viria a ser o seu primeiro livro — é de 1943 um caderno manuscrito, em cuja capa escreveu *Serra-Mãe - Versos de Sebastião da Gama*, datando a sua conclusão de 18 de Outubro desse ano. Constituído por 34 poemas, escritos entre 1942 e 1943, este conjunto viria a ficar de parte, pois nenhum deles integrou o livro *Serra-Mãe* publicado em 1945 — sete destes poemas viriam a ser publicados pelo autor na imprensa periódica (recurso que usou intensamente), em títulos como *Turismo*, *Gazeta do Sul*, *Jornal de Sintra* e *O Castelovidense*; um integrou a obra póstuma *Itinerário Paralelo* (1967) e outro foi inserido no volume *Cartas - I*, que Joana Luísa da Gama organizou e publicou em 1994; os restantes só foram publicados no volume de poesia reunida *O Inquieto Verbo do Mar*, em 2024, ano

do centenário do nascimento do poeta.

Existe um segundo conjunto de poemas sob o título *Serra-Mãe* integrando um dossiê de dactiloscritos, em cuja capa está registado *Sebastião da Gama - Serra-Mãe - Cópia dos originais feita por Elisabeth Lindley Cintra* (1942-1944). Sabendo-se da boa relação entre Sebastião da Gama e os irmãos Lindley Cintra — Luís Filipe (1925-1991), Elisabeth (1926-2019) e Graziela (1932-2006) —, não admira esta partilha de poemas, conferindo-lhes mesmo o estatuto de primeiros leitores. Este segundo conjunto não repete poemas do anterior, sendo constituído por 68 poemas, dos quais 37 vieram a integrar o livro *Serra-Mãe* (1945), 29 foram incluídos na obra póstuma *Itinerário Paralelo* (1967) e 2 ficaram inéditos.

Se pensarmos que *Serra-Mãe* é construído sobre 62 poemas, podemos considerar o trabalho de selecção e de organização que Sebastião da Gama exerceu na construção do seu primeiro livro, uma tarefa que ele próprio reconheceu e assumiu em diversas ocasiões, como ficou registado numa carta que dirigiu a Joana Luísa, em Setembro de 1944, ao dizer: «Quando olho para a *Serra-Mãe*, vejo 75% do que lá está coisa reles; e até me dá vontade de a queimar. Preciso de chicotadas; de alguém, de um público»; ou, como confessou a Taborda de Vasconcelos, em carta de Dezembro de 1946, um ano depois de o livro ter sido publicado, quando este lhe pediu colaboração poética para o jornal *Correio do Minho* — «Não gosto de publicar demais. A não ser que escolha entre os 120 poemas que rejeitei para a elaboração da *Serra-Mãe* dois ou três menos detestáveis. Desde que levem a data, não me importo de publicá-los.»

Foi neste contexto de preparação do livro e de criteriosa escolha que Sebastião da Gama deu os seus originais a ler a vários amigos, depois de os ter partilhado com Joana Luísa — além de Luís Filipe Lindley Cintra, Matilde Rosa Araújo foi outra confidente da construção do livro, como podemos ler na carta que do Portinho da Arrábida lhe foi dirigida, em 25 de Julho de 1945, referindo-se à edição: «Falei já com o Cintra sobre a coisa e em Agosto vou ver o que poderei

fazer: não sei ainda se o livro estará maduro; e vai custar-me a arrumação dos poemas. Manda-me dizer o teu conselho sempre bem-vindo.» O entusiasmo era crescente, pois havia já mesmo a promessa de uma editora — nessa mesma carta para Matilde Rosa Araújo, mas com a data de 23 de Julho, Sebastião da Gama explicava: «Ora escuta: ‘Portugália Editora’ prometeu-me publicar o meu livro. Estão aqui o Pedro de Andrade e a mulher, que são as pessoas mais amáveis deste mundo.»

A promessa parecia ser consistente, já que vinha de Pedro de Andrade, sócio e gerente da Portugália Editora, naquela altura em visita à Estalagem pertença dos pais de Sebastião da Gama, no Portinho. Do dia seguinte, 26 de Julho, é um curtíssimo poema intitulado «Instante», mais parecendo um desabafo para uma página de diário: «‘Mãe! / vou publicar o meu primeiro livro...’ // (A minha Mãe não chorou, / nem eu chorei, também.)»

Por meados de Setembro de 1945, Sebastião da Gama era apresentado ao crítico João Gaspar Simões (1903-1987), a quem foi entregue o esboço de *Serra-Mãe* para apreciação, conforme o poeta relatava à amiga Matilde Rosa Araújo, em carta de 20 desse mês: «Fui ontem apresentado ao Gaspar Simões. Simpático, gordo, baixo. Cabelos à Bocage. O Pedro de Andrade quis que ele lesse o livro. A edição é caríssima e quer ter quem o anime a arriscar. Espero que Sua Excelência não torça o nariz.»

Não conhecemos a opinião de Simões transmitida aos editores sobre o que poderia ser a estreia de Gama; mas vê-la-emos na imprensa depois de publicado o livro. Se não conhecemos em absoluto a opinião emitida pelo crítico em 1945, antes da publicação, o que sabemos é que, datada de 24 de Outubro desse ano, a resposta de Pedro de Andrade (já referida), co-proprietário da Portugália, excluiu *Serra-Mãe* do plano editorial da casa editora: «Recebi o orçamento para o seu livro, que aqui junto. Depois de falar com os meus sócios sobre a possibilidade da edição, comunico-lhe com desgosto que, neste momento, à Portugália não interessam as publicações que não estejam integradas no nos-

so Plano. Temos o encargo de cerca de uma centena de originais por imprimir, e que já pagámos aos autores e tradutores, não sabendo ainda como lhes poderemos dar vazão. Como vê, o meu Amigo veio numa oportunidade de muitos trabalhos, que nem nos permite o prazer de lançar um jovem poeta e amigo, que nos merece toda a simpatia e apreço.»

No entanto, o sonho da publicação persistiu e, se a decisão tomada pela administração da Portugália abalou Sebastião da Gama, a vontade de publicar ultrapassou o esmorecimento e o cuidado na organização e no conteúdo do livro ocuparam bastante do tempo do poeta.

Em 25 de Julho de 1945, anunciara a estrutura do livro a Matilde Rosa Araújo: «PRESENÇA - Os de tom místico (‘Presença’, ‘Remoinho’, ‘Eternidade’, ‘Rebentação’, etc.). Abrirá por ‘Vibração’ e terá no fim ‘Cortina’. SERRA-MÃE - ‘Harpa’, ‘vida’, etc. - Os em que falo da Serra. Porei talvez ‘Céu’ e ‘Versos ao Mar’. Achas que sim? POEMAS DE AMOR - ‘Pequeno Amor’ (em 1º lugar), ‘A meus Irmãos’, do meu Amor, ‘Para que tu não chores’, ‘Crepuscular’. JESUS - ‘Ressurreição’, ‘Oração de todas as horas’, etc. APONTAMENTOS - ‘Versos da Menina Morta’ (1º), ‘Pasma’, ‘Apontamento’, ‘Tradição’, ‘Paisagem’, etc. ÚLTIMO LIVRO - A começar, a ‘Elegia desta manhã’. Depois ‘Canção’, ‘Poesia’, ‘Excesso’, ‘Quem me quiser amar’, ‘As rosas’, etc. E quero fechar o livro com ‘Alegria’ e ‘Clareza’. Como se tivesse atingido aquele estado que procuro com a minha poesia.» A amiga responder-lhe-ia em 2 de Agosto, a partir de Peso (Melgaço), em tom fortemente exclamativo: «Viva o Poeta, o grande Poeta 1945! *Serra-Mãe* é um bocado de sonho, de altura, que vai enlutar os escaparates de Portugal neste inverno próximo futuro!»

A estrutura seguida na obra não foi aquela que o poeta anunciara à amiga, tendo a opção ficado decidida com a ordem «*Serra-Mãe*, *Apontamentos*, *Jesus*, *Presença*, *Poemas de Amor* e *Último Livro*». O grupo «*Presença*» abre com o poema «*Presença*» e conclui com o poema «*Cortina*»; o poema «*Vibração*», que só tem esse título nos manuscritos, foi escolhido para iniciar

o volume, ficando conhecido pelo seu primeiro verso - «A corda tensa que eu sou». No grupo «Poemas de Amor», constam todos os poemas indicados, embora «Pequeno Amor» tenha tido o título alterado para «Pequeno Poema». No grupo «Apontamentos», não constaram os poemas «Tradição» nem «Paisagem» — «Tradição», datado de Novembro de 1942, só foi divulgado postumamente em obras como *O Desafio da Arrábida*, organizada por Eduardo Carqueijeiro (edição do Parque Natural da Arrábida / Instituto de Conservação da Natureza, 1996, em artigo assinado por Joana Luísa da Gama), no jornal informativo *Cidadãos pela Arrábida* (Agosto.2000) e na antologia *A Serra da Arrábida na Poesia Portuguesa*, organizada por António Mateus Vilhena e Daniel Pires (Centro de Estudos Bocageanos, 2002); «Paisagem», datado de 13 de Junho de 1944, também não entrou neste volume, só tendo sido divulgado aquando da publicação da poesia reunida de Sebastião da Gama no volume *O Inquieto Verbo do Mar* (Assírio & Alvim, 2024). No grupo «Último livro», a alteração resultou de o poema «Excesso» ter passado para o conjunto «Poemas de Amor».

Lembra Joana Luísa da Gama, no livro *Estala de saudade o coração* (2013), que, «durante o ano de 1945 é normal encontrar nas cartas o assunto *Serra-Mãe*. Ou é mais um poema que nasce, ou mais um conselho de um amigo. É o nervosismo de procurar editor», depois de a publicação ter sido recusada pela Ática e pela Portugália, situação ultrapassada porque os pais lhe disponibilizaram os 4800\$00 necessários para uma edição de mil exemplares. E continua Joana Luísa: «as cartas que se seguem são de loucura: as idas à tipografia a acompanhar a impressão das folhas do seu livro, a revisão de provas porque não tinha dinheiro para pagar a um revisor, etc.»

Finalmente, *Serra-Mãe*, chancelado pela Portugália Editora, apareceria na montra em 18 de Dezembro de 1945, dedicado «à memória de meu tio, Alexandre Cardoso», tendo na capa uma vinheta concebida pelo artista Lino António (1898-1974), constituído por 62 poemas compostos em 1943 (4), 1944 (39) e 1945 (19), datando o

mais antigo de 15 de Agosto de 1943 («Céu») e o mais recente de 21 de Agosto de 1945 («A um crucifixo»).

Quando *Serra-Mãe* saiu, Sebastião da Gama empenhou-se na sua divulgação, quer nas ofertas aos amigos e aos mais próximos, quer no envio para quem pudesse ser o seu leitor crítico. Uma das primeiras dedicatórias (talvez a primeira) terá sido para Joana Luísa da Gama, quando, tendo como data o Natal de 1945, o poeta autografou: «Para Ti, Amor, porque sabes ler os meus versos com uma voz que já se não distingue da minha.» Outras dedicatórias autógrafas existem, mas não datadas, ainda que se pense que serão do tempo entre a saída do livro e o ano seguinte — Mário Beirão (1890-1965) recebeu exemplar dedicado com traços da serra («Para Mário Beirão, alma inquieta provida de clarões, a quem, na Arrábida, desceu a sombra de Agostinho a dar as boas-vindas»); no exemplar que seguiu para Miguel Torga (1907-1995), era manifestada a admiração pela obra já publicada do escritor e médico («Ao Poeta admirável das Odes e de tudo o mais que me faz ser seu»); Luís Amaro (1923-2018), o amigo que conhecera no espaço da editora, teve o valor da amizade a iluminar a dedicatória («Para o Luís Amaro: Nada mais me trouxera a *Serra-Mãe* do que a tua amizade e já tinha valido a pena»).

No mesmo dia 18 de Dezembro de 1945 (data em que o livro apareceu na montra da livraria, em Lisboa), Sebastião da Gama fez seguir um exemplar para José Régio (1901-1969), mas não terá havido resposta imediata, pelo que, em 7 de Fevereiro de 1946, o poeta azeitonense escrevia de novo para Portalegre: «É tão grande o interesse em que leia os meus versos e me diga, sem receio de melindrar-me se lhe não agradarem, o que pensa deles que me atrevi a vir pedir-lhe isso mesmo, contando com a sua benevolência.» Três meses depois, em 25 de Maio, era Teixeira de Pascoaes (1877-1952) o destinatário de uma carta em que o jovem poeta se apresentava: «Deixe-me dizer-lhe quem sou, para me perdoar um pouco a sem-cerimónia que tomei: sou um rapazola de vinte e dois anos que aprendeu a ser Poeta na Serra da Arrábida. Ali

fui medrando entre moitas de alecrim e rochas penduradas sobre o Mar – e no Dezembro passado dei ao público o meu primeiro livro – *Serra-Mãe*. (...) Agora gostaria que lesse os meus versos com um bocadinho de carinho. E, se eles o merecessem, que me mandasse algumas palavras, que não-de ser sinceras como as árvores, sobre o que sente da *Serra-Mãe*.»

Em data que não se consegue precisar, Régio respondeu, em jeito de explicação e de apreciação: «Devo dizer que terá tido influência em tal demora a perplexidade que me tolhe ao ter de pronunciar qualquer juízo sobre uma obra como a sua. Claro que esse juízo pode enganar-se ou errar – mas nunca deixar de ser sincero. Perante o meu Amigo, perante as gentilezas que me tem dirigido, e sobretudo pela influência que sinto das minhas coisas literárias no seu livro, a minha situação é ainda mais delicada. Creio que o seu livro é uma obra de hesitação e promessa, na qual o talento literário se torna incontestavelmente visível, como visíveis se tornam as influências várias. (...) É um livro que já promete muito e nos deixa à espera.»

De Coimbra, Miguel Torga responderia, em 18 de Maio de 1946: «Nem posso medir o feito nem adivinhar o que está por fazer, louvo o que entendo e espero o porvir de boa-fé. Ora é isso o que me acontece agora com o seu livro. Não gosto de muita coisa que lá vem, e tenho dificuldade em vislumbrar os seus caminhos futuros. Mas estou em presença de um Poeta que escreveu: 'Pequeno Poema', 'Nós', etc. Resta-me, pois, festejar o que me parece conseguido, que é muito, e dar tempo ao tempo.»

De Amarante, Pascoaes não terá enviado resposta, mesmo apesar de nova insistência saída do Portinho da Arrábida em 6 de Agosto de 1946 – «Há talvez três meses mandei-lhe uma carta e o meu livro *Serra-Mãe*; sei que não é o senhor desses poetas que se calafetam dentro das suas torres de louros e não abrem a mínima frincha para falarem por ela a um camarada mais novo: por isso mesmo, lhe mandei o livro; e por isso mesmo tenho estranhado o seu silêncio. (...) Gostaria de saber qual o eco, se o tiveram, que

os meus versos tiveram nuns e noutros.» Mesmo com esta persistência, parece não ter havido reacção de Pascoaes, uma opinião tanto mais importante para Sebastião da Gama quanto o poeta do Marão tinha já escrito sobre a Arrábida e sobre Frei Agostinho da Cruz. Aquando da sua viagem ao Norte, em meados de Setembro de 1951, acompanhado por Joana Luísa (sua esposa desde Maio desse ano), Sebastião da Gama marcou encontro com Pascoaes, relatado em crónica que publicou no *Jornal do Barreiro*, em 11 de Outubro de 1951 – da leitura de tal texto se conclui, como apontou António Mateus Vilhena (em ensaio sobre a correspondência de Gama para Pascoaes publicado em 2019), que «um dos assuntos que polarizou o diálogo (...) foi seguramente a Arrábida». E, de toda a conversa, uma frase de Pascoaes impressionou o visitante: «A Arrábida é que é o altar da Saudade. Eu pu-lo no Marão porque sou do Norte.» Não contendo estas afirmações uma apreciação ao livro inaugural do jovem, reforçam, pelo menos, o sentido de oportunidade da obra *Serra-Mãe* como um momento importante para o canto e para o louvor da Arrábida, pelo que terá sido, talvez, a melhor apreciação que Pascoaes poderia ter feito à obra...

Entre os leitores que escreveram a Sebastião da Gama a propósito do seu primeiro livro, *Serra-Mãe*, contam-se também os testemunhos de Hernâni Cidade (1887-1975), António Botto (1897-1959) e Bertil Maler (1910-1980). Em carta datada da «Ante-véspera de Natal de 1945», Cidade (que também foi professor do jovem poeta) reagia, logo após a leitura do livro: «Agradeço-lhe a hora gratíssima que me deu à alma. À alma, muito mais do que aos sentidos, que a sua Poesia é toda tocada de transcendente e, em si, o folhado, como a maresia, como tudo com que encanta os sentidos a sua Mãe-Serra, tudo acorda ressonâncias fundas de alma eleita, da linhagem de Frei Agostinho, tão famintas de Infinito que só pairando sabem cantar, como as cotovias.»

Uns dias depois, em 5 de Janeiro, era o poeta António Botto que enviava curta mensagem, a exigir mais do escritor que se iniciara: «Este seu

pequeno volume de versos podia ser, se você quisesse, uma verdadeira grinalda de Poeta! Há umas notas muito bonitas, mas um propósito tão acentuado de brincadeira ou ironia, que parece uma rapaziada à margem dessa divina arte maravilhosa!...»

Também o hispanista sueco Maler (que publicou estudos sobre literatura portuguesa), em 21 de Agosto de 1946, cerca de um mês depois de regressar de Lisboa a Estocolmo, enviava missiva para Sebastião da Gama, dizendo-lhe que lera o seu livro durante o período de descanso da viagem, fora da capital – «Li e reli os seus belos poemas. Não se devem ler no barulho das capitais, é a solidão da serra – que muito se parece ao campo sueco – que lhes convém.» E acrescentava: «A leitura do seu livro deu-me um verdadeiro prazer. Não só um prazer estético causado pela beleza da forma e do ritmo, mas ainda um prazer emocional. (...) A simplicidade sublime – algumas linhas até me deixaram uma impressão como se estivesse a ler os salmistas –, o sentimento da Natureza, a profunda religiosidade, eis o que retenho dos seus poemas.»

Além das opiniões chegadas via epistolar, a imprensa foi um meio importante para a divulgação de *Serra-Mãe*, quase desde o momento em que apareceu – saído o livro em 18 de Dezembro de 1945, a recepção crítica manteve-se a um ritmo constante até Outubro do ano seguinte. Logo dois dias depois do seu aparecimento, Álvaro Salema (1914-1991), no *Jornal do Comércio*, na rubrica «Horizonte», dizia da obra que vinha «revelar ao nosso estreito meio literário uma personalidade vigorosa de lírico e de místico, arrebatado em visões interiores e em ansiedades que constituem riqueza profunda de uma alma», apresentando como sendo «um notável poeta este moço de alma perturbada, talento literário de forte inspiração, inquieto pesquisador de imagens.» Salema voltaria a escrever sobre o livro na *Vida Mundial Ilustrada*, em 10 de Janeiro seguinte, afirmando que «Sebastião da Gama é, inegavelmente, um artista de grandes possibilidades», embora «o esplêndido ritmo de que se

mostra capaz» se quebre «inutilmente, muitas vezes, por exageros de modernidade formal que pouco significam».

O mês de Dezembro de 1945 viu mais três notas de leitura a propósito de *Serra-Mãe*, devidas a Luís Filipe Lindley Cintra, a António Quadros e a José Noronha Gamito. Sob o título “Carta ao Poeta Sebastião da Gama”, Luís Filipe Lindley Cintra escrevia no *Diário Popular* (26 de Dezembro): «Tu sabes que discordei do título do teu livro. Hoje arrependo-me. Fizeste bem em conservá-lo. Era preciso que todos soubessem que o Poeta em ti nasceu da Arrábida, dessa Arrábida de que tu fazes parte, que eu não posso conceber sem ti. (...) A Serra existe para ti como tu existes para a Serra. Tinha de ser assim.»

António Quadros (1923-1993), no jornal lisboeta *Victoria* (28.Dez.1945), assim iniciava a sua crónica: «Sebastião da Gama – jovem poeta que se estreia – escreveu estes poemas na bela serra da Arrábida. Um temperamento sensível em contacto com a grandeza de um quadro natural como aquele, não podia deixar de originar um poeta.» Defendendo que «a poesia de Sebastião da Gama está profundamente impregnada de misticismo, filho do ambiente, filho da Serra-Mãe», António Quadros considera estar este livro repleto de poesia que «não é descritiva, nem simbólica, porque é, principalmente, oração». Embora *Serra-Mãe* esteja dividido em seis partes, o articulista organiza a temática de Gama em três áreas, motivadas, respectivamente, pela serra, por Deus e pela «vida de todos os dias». A crónica finaliza com um comentário que aponta para um bom início – «os poemas de Sebastião da Gama possuem qualquer coisa de superior à técnica e à própria imaginação: poesia. O que é mais do que suficiente como ponto de partida» –, depois de ter reparado que o «principal defeito» do jovem poeta «é ter pouca imaginação poética», pois «repisa os mesmos temas» e «canta muitas vezes os mesmos ideais».

Quase a terminar o ano, em 29 de Dezembro, José Noronha Gamito (1922-2011) apreciava no periódico setubalense *A Indústria*: «Em Sebastião da Gama, quando o tom descritivo aparece,

não é já aquele descritivo com fulcro no exterior, aquela conformidade primária com a perspectiva que obriga à narração daquilo que está patente aos olhos do corpo, mas antes o especial descritivo interior, que se desenvolve inteiramente sobre aquela outra paisagem íntima, subjectiva, complexo pessoal de imagens, sentimentos e ideias. (...) Sebastião da Gama descreve-nos a Arrábida espiritual, subjectiva, gigantesca e especial na intimidade de cada homem que sabe pensar o que vê.»

Entrado o ano de 1946, logo em 6 de Janeiro, eram publicados dois artigos, ambos assinados por A. Pinto de Carvalho: no jornal *O Sesimbrense* e no jornal *Novidades*. No primeiro, o autor associava esta obra do poeta azeitonense à de Frei Agostinho da Cruz pela motivação comum da Arrábida, afirmando que «a poesia de Sebastião da Gama reflecte uma ânsia insatisfeita à procura dum complemento» e que «a monotonia silenciosa e imponente da serra» lhe «afinou as cordas da lira»; no segundo, são apresentadas as características da Arrábida que podem constituir motivos poéticos («os segredos dos seus recantos escarpados, das suas bocas e arvoredos», o «convívio íntimo da Serra e do Mar» e «a serra com os seus encantos e surpresas, com a sua tristeza rude e monótona, com a sua amplidão a um tempo dolente e grandiosa»), é retomada a aproximação a Frei Agostinho da Cruz e surge uma apreciação global sobre o livro «de versos, singelos, sim, os mais deles, daquela singeleza peculiar da vegetação serrana, mas esmaltados de onde em onde por fulgurações de imaginação criadora que deixam entrever no foco donde irradiam o estofo de um verdadeiro poeta.»

David Mourão-Ferreira (1927-1996), um dos primeiros leitores do amigo Sebastião da Gama, fez a sua apreciação no dia em que o livro apareceu na montra, mas o texto só foi publicado em 7 de Janeiro, no *Jornal de Elvas*: «O estilo de Sebastião da Gama é muito pessoal e tem um curioso cunho de originalidade. Aproveita-se das liberdades métricas introduzidas pela poesia moderna, mas sem as exagerar. (...) Podemos notar em muitos versos de Sebas-

tião da Gama a sombra de Pascoaes e de Régio, mas especialmente deste último.»

Do final do mês é o comentário de João Pedro de Andrade (1902-1974), que assina no *Diário de Lisboa*, de 30 de Janeiro: «A poesia é, principalmente, uma atitude perante a vida. (...) *Serra-Mãe* é o testemunho iniludível duma individualidade pujantemente poética. (...) Afirma, na sua linguagem poética, uma segurança no tom, no estilo, nas imagens, que me parecem as manifestações sinceras da tal atitude perante a vida que revela o poeta.»

No número 18 de *Universitárias - Revista de Cultura*, de Janeiro de 1946 (abrangendo os meses de Janeiro a Abril), Maria de Lourdes Belchior (1923-1998) escreve artigo de duas páginas sobre *Serra-Mãe*, a primeira obra do seu amigo Sebastião, teorizando, numa primeira parte, sobre o valor da palavra poética e sobre a sinceridade e originalidade em poesia, para, depois, afirmar que estes são poemas «de um homem que a Serra gerou» e que «a palavra e o homem são apenas o eco da voz que Deus pôs nas coisas criadas», razão por que, «também nas coisas pequenas, nos nada que não têm em si aparentemente uma estrutura de grandeza, S. Gama descobre o poético que transforma, ao captar a ressonância misteriosa que as sublima.» Lourdes Belchior conclui o seu artigo afirmando esperar «ainda mais de um poeta que procura os seus caminhos» e, a propósito das marcas regionais presentes em alguns poemas de *Serra-Mãe*, aconselhando que o jovem poeta «se liberte de influências» e procure «caminhos numa conquista serena e forte.»

A opinião de Vitorino Nemésio (1901-1978) apareceria ainda em Fevereiro, em 13, no *Diário Popular*: «Em *Serra-Mãe*, palpita todo o autêntico alvoroço de uma consciência que desperta sob o duplo signo da Mística e da Poesia. (...) Sebastião da Gama, inebriado pelas cores da sua Serra, aproveita-as apenas como matéria para compor a sua própria aparência; as formas são nele puro pretexto de exultação. (...) A Poesia exprime-se por si; o poeta é seu lugar-onde. (...) A sua fraseologia é livremente agostiniana e pascoalesca.»

Em 5 de Março de 1946, no jornal *Diário da Manhã*, João Ameal (1902-1982) iniciava assim a sua coluna «Rumos do Espírito - As Ideias e os Autores»: «A todo o momento ouvimos dizer que na vida moderna há cada vez menos lugar para os poetas. Terá razão quem o afirma? Vive o Mundo, nesta hora, entre receios e desconfianças. Vive, também, sob o signo dos ódios desencadeados pelo imenso fratricídio que há pouco terminou — e sob a opressão de uma paz inquieta, cheia de perspectivas alarmantes.» Este arranque é intenso no seu lamento e na sua esperança — a Guerra Mundial acabara meses antes e tornava-se nítida a procura da pacificação e a valorização da humanidade. Mas este introito servia também para Ameal chegar ao principal do que pretendia dizer: apresentar um novo poeta, Sebastião da Gama, através do seu primeiro livro, *Serra-Mãe*. E a primeira observação é de simpatia — «Sente-se que vive na montanha, mas na montanha em frente do mar - porque se conjugam, na sua sensibilidade, a força e o equilíbrio da grandeza estável e o tumulto febril do movimento sem fim», sendo isso que «dá aos seus versos um curioso sabor de ‘ansiedade contida’, de impulso capaz de dominar-se e disciplinar-se.» A preferência do crítico recai sobre alguns poemas, concluindo com uma observação promissora sobre o novo poeta «com a sua personalidade ainda em esboço, mas já segura e clara, para além da indecisa nebulosa das simples promessas», que «soube construir o ‘seu’ mundo e soube mostrar-nos que vive, dentro dele, uma vida mais alta e mais pura».

Duas semanas depois, em 19 de Março, era a vez de, no *República*, Alfredo Guisado (1891-1975) opinar sobre o novo livro: apesar de considerar que, por vezes, «a sua inspiração não o acompanha», afirma estar perante um autor «que é sincero no que sente e no que escreve». Recomenda depois Guisado que o novo poeta se não deixe «envaldecer com elogios» da imprensa e termina com uma síntese sobre esta novidade: «Tem ritmo, não descuida as rimas, tem bastantes imagens felizes e, deixando-se embalar pela escola modernista, não se deixa

por completo absorver pelos que lhe serviram de modelo», pois «começa mesmo a ter personalidade, o que é muito de apreciar num poeta e ainda mais num estreante». E, para que dúvidas não ficassem no leitor, afirma, quase no final, ser «mesmo uma das melhores estreias que me têm aparecido desde que estou neste fraco ponto de observação».

As réplicas da leitura de *Serra-Mãe* acabariam o mês de Março com a recensão assinada por Ruy d’Almeida no jornal *Aléo*, saído no dia 30, que se surpreende porque «não constrói Sebastião da Gama os seus poemas no signo da inspiração amorosa», mas «verte o poeta em ilha dos amores o lugar em que está», a serra da Arrábida. A opinião de Almeida, contudo, é de reserva, pois entende que o poeta «não nos revela neste livro as possibilidades definidas da sua personalidade», apesar de considerar estar perante alguns poemas de «expressão lírica» de qualidade.

Na edição da revista *Portucale* referente ao mês de Abril de 1946, Amorim de Carvalho (1904-1976) reconhecia, em curta nota, que *Serra-Mãe* apresentava «sugestões de poetas como Sá Carneiro, Pessoa e Régio», mas distanciava-se da valorização das influências para procurar «o melhor do livro»: uma «fina ironia», a expressão da dor, uma «ânsia de ser, de existir, que busca penetrar na intimidade essencial da vida e do eu» que se «consubstancia com Deus, através de um estado de graça inefável e heróico». Ponto alto desta apreciação surge quando é dito que este livro «tem atitude mental e filosófica, pondo o problema do Homem em Deus», marca que lhe dá «uma personalidade poética original», destacando diversos poemas cujo valor «o acreditam como poeta».

No primeiro número de Abril da revista *Seara Nova*, datado de 6, Armando Ventura Ferreira (1920-1987) abordava também a primeira obra de Sebastião da Gama, confessando não haver «dúvidas de que temos perante nós um poeta», mas acusando o papel dominante das influências — «lemos o seu livro e sentimos que a maioria dos seus poemas já nos é familiar», encostando esta poesia a António Nobre, Sá-Carneiro e Ré-

**«O murmúrio é a alma de um Poeta que se finou  
e anda agora à procura, pela Serra,  
da verdade dos sonhos que na Terra  
nunca alcançou..»**

Sebastião da Gama  
«Serra-Mãe» (8.Fev.1943), in *Serra-Mãe*

**«Ao crepúsculo, a Serra é catedral  
onde o órgão-silêncio salmodia.  
A própria Luz ergueu 'Avé-Maria'  
e o Mar tomou as cores de um vitral.»**

Sebastião da Gama  
«Oração da Tarde» (8.Jan.1944), in *Serra-Mãe*

**«Ó minha  
Serra toda pintada de Esperança  
e debruada de azul!  
(...)  
Ó minha outra Mãe,  
que, num leito de flores e sorrisos,  
me deste à luz de seda das Estrelas!»**

Sebastião da Gama  
«Versos para eu dizer de joelhos» (4.Mar.1945), in *Serra-Mãe*

gio, sobretudo a este último. No entanto, Ventura Ferreira realça o tom religioso da poesia de Gama, em que Deus se apresenta «como uma entidade concreta», contrariando a interrogação metafísica que Deus é para Régio. O facto de *Serra-Mãe* ser visto como um conjunto muito próximo das influências leva o crítico a considerar não haver «símbolos em quantidade, nem em qualidade, tão-pouco uma dialéctica discursiva fluente», existindo algumas «abstracções confusas, de pobre relevo poético», pelo que aconselha, para futuro, que «Sebastião da Gama deve interrogar-se mais sobre a vida do nosso tempo e ser um poeta original do que glosar temas já suficientemente debatidos.»

A última apreciação de Abril de 1946 deve-se a Jaime Brasil (1896-1966), que, na edição do dia 17 de *O Primeiro de Janeiro*, em nota muito breve, acentua o tom místico de alguns poemas, dizendo serem gerados «naquela poesia que também inspirou Frei Agostinho da Cruz».

Duas das críticas mais contundentes a *Serra-Mãe* apareceriam em Maio de 1946: uma, assinada por Jorge de Sena (1919-1978); outra, por João Gaspar Simões (1903-1987).

No jornal *Mundo Literário*, de 18 de Maio, Sena intitula o seu longo artigo como «Alguma Poesia e outras considerações desagradáveis», nele abordando, entre outros, o livro *Serra-Mãe*, de Sebastião da Gama, parte que se inicia em tom acutilante sobre os novos poetas portugueses — «Há, nitidamente, na mais jovem poesia portuguesa, um retrocesso. Tenho observado, com mágoa, a infinita suficiência destes livros. Quer formal, quer intimamente, estamos na época da ‘Maria-vai-com-as-outras’». E tudo serve: as descobertas ou hábitos formais dos outros, o grande destino do homem (que merecia mais meditação e menos declamação), até a própria habilidade rítmica. Tudo serve, desde que seja possível o indivíduo convencer-se, e aos seus pares, de que é poeta.» O comentário prossegue, em tom mais ou menos metafórico, para criticar a busca das influências nos novos autores, algo que Sena qualifica como uma «miopia extrema», percebendo-se que as consi-

derações são também para os críticos, sobre quem escreve: «Nunca se publicaram tantas críticas, e nunca, suponho eu, se leram tantos metros de prosa, impressionista, didáctica ou erudita, falando de tudo, menos da essência da obra criticada.» Talvez estas palavras se dirigissem aos que já tinham escrito sobre *Serra-Mãe*, porque, para Sena, louvar este livro apresentava-se como uma fragilidade: «Aplaudir, hoje, o Sebastião da Gama de *Serra-Mãe*, sem denunciar que quase sempre repete outros maiores (repetir é diferente de encorporar na própria expressão); aplaudi-lo como, há anos, se aplaudiu um Marques Matias — e deixar rodeado de silêncio um José Régio, que terá muitos defeitos menos o de repetir Sebastião da Gama... — é enganar o poeta de *Serra-Mãe*.»

Embora Sena enalteça poemas como «Céu», «Nós», a primeira metade de «Cortina», «Elegia desta Manhã» e «Poesia», o tom das suas observações afigura-se exagerado nos comentários ao uso da sinestesia ou de outras construções e à aproximação à poesia mística: «Observo-lhe que, para ser na Arrábida um poeta místico, não é necessário um misticismo topográfico-literário, que eleva ou abaixa Fr. Agostinho da Cruz à categoria de ‘genius loci’. Que para falar de amor ou dulcificar a voz, não é preciso escrever com ‘soluços do sol’, ‘beijos na alma’, ‘carícias azuis’, ‘luz de seda’, etc.»

Uma dúzia de anos depois, em 1958, ao publicar a terceira série da antologia *Líricas Portuguesas*, por si organizada e anotada (em que incluiu dois poemas de *Serra-Mãe* — embora nenhum deles pertença ao grupo de cinco que enalteceu na apreciação feita em *Mundo Literário* —, dois de *Cabo da Boa Esperança*, dois de *Campo Aberto* e três de *Pelo sonho é que Vamos*), Jorge de Sena comentava que «a personalidade de Sebastião da Gama, o seu nobre carácter, a sua simplicidade pessoal, a frescura do seu juvenil e fraterno amor da vida, o seu destino cruel e malogrado, têm complicado muito — com o comovido culto que suscitaram — uma justa apreciação de uma produção poética vasta e irregular como a sua.» Relativamente à evolução dessa obra, acrescentava emergir

«pouco a pouco, (...) apesar da tendência do poeta para ver-se como um ser infantil, ignorante, aberto sem discernimento a todas as solicitações da sentimentalidade, uma voz lírica de excepcional frescura, capaz de uma singela concentração expressiva, capaz também de uma fina transcendência do convencionalismo burguês, e fundamente sensível às coisas naturais e ao ar livre».

A apreciação de João Gaspar Simões apareceu no jornal *Sol*, em 25 de Maio, também ela eivada de considerações sobre o que a crítica dizia a propósito de *Serra-Mãe*. Simões, recorde-se, tinha sido um primeiro leitor da obra, a quem o jovem azeitonense entregara os textos para apreciação quanto a publicação pela casa Portugália e, se ignoramos qual foi o comentário exarado, sabemos que a editora não assumiu a publicação. As considerações de Gaspar Simões não terão andado longe do que ficou registado nas páginas de *Sol*, onde, depois de elogiar o poema de abertura, «Harpa», considera que, em vários poemas do volume, «a expressão não passa de um penoso exercício literário, onde o mau gosto se espoja correndo parelhas com o pior verbalismo»; que, quanto à religiosidade, «uma das coisas que mais concorre para esfriar qualquer entusiasmo pela poesia de *Serra-Mãe* é o despropósito com que se lançam súplicas místicas e se fazem protestos de humildade e devoção numa linguagem alheia a qualquer mero sentimento religioso»; que as marcas de Pascoaes, Régio e Sá-Carneiro são «falsas inspirações na sua adequação ao estro exuberantemente verbal que nos parece ser o de Sebastião da Gama.» E termina, entre a decepção e o que se diz sobre o livro: «O certo é que de um verdadeiro poeta ou não, o livro *Serra-Mãe* é livro que não passa despercebido no nosso movimento literário.»

Estes dois comentários não passaram ao lado para Sebastião da Gama, que, se não deu resposta pública, partilhou a sua opinião com o amigo David Mourão-Ferreira através de um poema datado de 26 de Maio de 1946 (o dia seguinte à apreciação de Simões e pouco mais de uma semana depois das palavras de Sena), in-

titulado «Versos fora dos eixos»: «Estou-me matando prós críticos. / Hei-de cantar o que muito bem me apeteça, / hei-de sentir, hei-de pensar, hei-de berrar o que muito bem me apeteça. / Um grande raio que os parta mais às suas sentenças. // Se me der na maluca desato para aí a dizer palavrões / ou a escrever sonetos de Camões / começados do fim prò princípio / e com os acentos todos trocados. / Ou então (e que têm eles com isso?) não faço nada / senão olhar os Astros, de cócoras, / e fazer certa coisa para eles todos. // (...) // Deixem-me cá sossegado a fazer versos / marrecos ou escorreitos ou anémicos ou cheios de sangue na guelra / mas de toda a maneira versos / — uma coisa melhor que todas as suas pretensões, / todas as suas ciências, todas as suas opiniões, / e que mais belo do que eles só uma flor encarnada a nascer em cima de um telhado / sem se importar de saber se olham pra ela ou não...»

Entre os meses de Junho e Outubro de 1946, Sebastião da Gama pôde ainda ler mais cinco comentários ao seu livro *Serra-Mãe*, publicados na imprensa, assinados por Dinis da Luz (1915-1988), António Russinho (?-década de 1990), Manuel Antunes (1918-1985), Carlos Relvas (pseudónimo de Armando Filipe Cerejeira Pereira Bacelar, 1919-1998) e Joel Serrão (1919-2008).

Na edição do jornal *A Voz*, de 10 de Junho, Dinis da Luz reconhecia que Sebastião da Gama ainda estaria «à espera de poiso», detentor de «uma bela e sonora lira», que denota «uma independência afoita, sinal de viva personalidade numa idade em que a ousadia dificilmente se furta à tutela dos grandes», apesar de reconhecer que, de vez em quando, «José Régio sai-lhe ao caminho». Quanto às marcas de Frei Agostinho da Cruz, o crítico considerava serem «variações modernas, originais, em novas medidas, de uma inspiração antiga», concluindo o artigo cheio de esperança: «O poeta tem alma suficiente para uma família de cultores da poesia.»

Cerca de duas semanas depois, em 23, no albicastrense *Reconquista*, A. Russinho interpe-

lava: «Quem conhece o recente livro de *Serra-Mãe*, com que o jovem poeta Sebastião da Gama se estreou?» Depois, apresentava-o: «Pois este rapaz de 21 anos, aluno da Faculdade de Letras, acaba de gravar o seu nome na já longa lista dos nossos poetas. (...) Nos seus olhos, nas suas palavras, na requintada sensibilidade, enfim, na sua maneira de ser, nota-se que há nele aquele dom com que Deus costuma premiar as grandes almas.» Para cimentar a sua opinião, concluía o artigo com citações das apreciações entretanto publicadas por António Quadros (no jornal *Victoria*, em Dezembro de 1945) e por Vitorino Nemésio (no *Diário Popular*, em Fevereiro de 1946).

Na edição da revista *Brotéria* do mês de Junho, era a vez de o jesuíta e crítico literário Manuel Antunes apontar linhas de leitura da obra iniciática de Sebastião da Gama, cuja voz poética apresentava como «o eco já remoto, mas ainda nítido, da voz lírica e religiosa de Fr. Agostinho da Cruz», com «muitos e belos cantos, impregnados da mais pura religiosidade». Elogiando poemas como «Harpa», «Vida», «Oração da Tarde», «Ressurreição» e «Oração de Todas as Horas», a obra era vista como de um «poeta de vincada personalidade», que «não se limita a ser o eco, embora remoto, de vozes alheias», pois «aos motivos, que recebeu de outrem, imprimiu tonalidades próprias». A obra *Serra-Mãe* surgia como a de «um poeta de real valor», eivada de «profundeza e certa originalidade de concepção, um rico e variado poder expressional, feito de ritmo espontâneo, de imagens frescas, rescendentes ainda ao perfume silvestre da Arrábida, e entretecido, a revezes, de belos achados formais». A concluir o artigo, Manuel Antunes confessava que leu o livro «várias vezes» e que lhe ficou «a grata impressão de que uma nova estrela de brilho invulgar se acendera no céu atormentado da poesia portuguesa dos últimos anos».

Ainda no mês de Junho, a edição da revista *Vértice*, pela mão de Carlos Relvas, dedicava texto a *Serra-Mãe*, numa opinião que assinalava alguns pontos menos positivos: a quantidade de versos inspirados em José Régio (dando exem-

plos dos poemas «Vida» e «Rebentação»); a serra apresentada como «apenas um ‘suporte’ material para toda a espécie de idealizações do autor», o que lhe concedia um estatuto de algum «artificialismo literário»; o tom «confessional» utilizado, que não parecia aquele que «mais se coaduna com o temperamento do escritor». No entanto, Relvas reconhecia nesta obra «inegáveis qualidades de expressão poética que só é pena que não sejam orientadas num sentido mais humano, nem se apresentem mais depuradas pelo senso crítico do autor dos excessos de linguagem». Notando as influências dos autores presencistas e de Fernando Pessoa, o crítico admitia, a finalizar, que, «com este livro, fica em aberto se terá qualidades de expressão poética original».

Igualmente reservada quanto ao sucesso do poeta foi a opinião de Joel Serrão vinda a público na revista *Aqui e Além*, em Outubro de 1946 (publicação de que Sebastião da Gama foi colaborador, inclusive nesta edição). Num longo artigo, Serrão começava por dizer que este livro «sugere maior número de reservas do que de louvores», afirmação justificada porque «a maior pecha de quase todos os poemas de Sebastião da Gama é o eles ficarem-se nessa região intermediária entre a expressão pessoal e a expressão poética, que, sendo pessoal, transcende o sujeito que canta». Confesso admirador do texto «Pequeno Poema», o crítico reconhecia ao autor «evidente sensibilidade de poeta», mas ainda sem «uma expressão poética adequada à riqueza do seu mundo emotivo», apesar de a sua «linguagem poética sobejamente nos evidenciar um poeta pleno de coisas para nos dizer». No final, Joel Serrão confessava: «A sua poesia interessou-me. (...) Sebastião da Gama revela-se sem dúvida um poeta, independentemente de não ter conquistado ainda a mestria artística sem a qual a poesia dificilmente transborda cá para fora.»

As considerações assinadas por Joel Serrão já eram esperadas por Sebastião da Gama, porque, dias antes da publicação do artigo na revista, em 6 de Setembro, o crítico escrevera uma carta ao poeta, na qual, em pouco mais de uma página,

lhe anunciava o que deveria esperar: «Meu caro Sebastião da Gama, / Acabo de enviar ao Dias Ferreira a minha crítica ao seu livro: prepare-se para a valente *tunda* que lhe dou... Olhe que não é a brincar mas muito a sério. / Sim: na verdade, achei preferível, como aliás, é meu costume, ser severo para com as obras de interesse. Apresento algumas reservas que, a eu ter razão, são importantes. Escuso de lhe pedir perdão para o modo que tenho de prestar homenagem às obras dos amigos de quem sou amigo. Devemos ser inteiramente francos uns para com os outros: procurei sê-lo. / Se lhe desagradar, apesar de tudo, a minha crítica, ou se houver, como é natural, alguns pontos que não estejam suficientemente claros, digo-lhe que estou inteiramente à sua disposição para procurar ser

mais claro e tentar explicar-lhe, pessoalmente, tudo quanto quis dizer, e talvez não disse, na minha crítica. / V. não vem a Lisboa, de vez em quando? Precisava de falar-lhe por motivos poéticos e, também, não poéticos. Era capaz de marcar um encontro, quando cá viesse? / Um abraço do camarada e amigo / Joel Serrão».

Já depois de ter saído a crítica de Joel Serrão, Sebastião da Gama enviava carta ao seu amigo Antonio Sampaio (1916-1994), em 2 de Novembro, recomendando-lhe a leitura do mencionado número de *Aqui e Além* com duas justificações: «peço-lhe que leia mais um poema no próximo *Aqui e Além* [“Bucólica”, depois inserido no livro *Cabo da Boa Esperança*], onde vem também, sobre o meu livro, uma paulada de três em pipa.»

**«A Arrábida ocupa, como sabes, um dos bocados deste meu coração enorme e bem repartido: dizia eu há dias a um amigo, em carta, que ela é para mim como que uma mulher; que é para mim uma presença humana; e tenho saudades dela, se longe, como de uma namorada.»**

Sebastião da Gama  
Em carta para Joana Luísa (Agosto.1944)

Vemos, pois, que as críticas a *Serra-Mãe*, desde a sua publicação, em meados de Dezembro de 1945, até Outubro do ano seguinte, de uma maneira geral, enaltecem o aparecimento da obra e do novo poeta, ao mesmo tempo que recomendaram a construção de um caminho mais pessoal, a necessidade de as influências literárias não se sentirem como imitação e a busca de uma linguagem mais elaborada; simultaneamente, desafiavam o jovem Sebastião da Gama a dar continuidade ao percurso encetado e mostravam-se esperançosas no crescimento do poeta.

As influências mencionadas apontam para nomes como Frei Agostinho da Cruz (1540-1619), António Nobre (1867-1900), Fernando Pessoa (1888-1935), Mário de Sá-Carneiro (1890-1916), José Régio (1901-1969) e Teixeira de Pascoaes (1877-1952), alguns deles citados diversas vezes nas obras de Sebastião da Gama. Entre os 62 poemas que constituem o livro *Serra-Mãe*, os críticos dessa época assinalaram 36 como sendo das suas preferências, num registo de escolhas em que há repetições e, em vários casos, apenas uma menção — os poemas mais citados são «Rebentação» (por Lindley Cintra, João Pedro de Andrade, Amorim de Carvalho, Carlos Relvas, David Mourão-Ferreira e Armando Ventura Ferreira), «Serra-Mãe» (por António Quadros, A. Pinto de Carvalho, João Pedro de Andrade, Maria de Lourdes Belchior, Vitorino Nemésio, João Ameal e A. Russinho) e «Vida» (por Manuel Antunes, José Noronha Gamito, Maria de Lourdes Belchior, Amorim de Carvalho, Carlos Relvas e Armando Ventura Ferreira). Os outros poemas valorizados nas críticas são, por ordem alfabética: «A corda tensa», «A meus irmãos», «Aceitação», «Alegria», «Canção», «Céu», «Claridade», «Cortina», «Diário de bordo», «Do meu amor», «Elegia breve», «Elegia desta manhã», «Em que se fala do Menino Jesus», «Eternidade», «Harpa», «Itinerário», «Minuto», «Nevoeiro», «Nós», «Oração da tarde», «Oração de todas as horas», «Para que tu não chores», «Pequeno poema», «Poema da minha esperança», «Poesia», «Presença», «Remoinho», «Ressurreição», «Romântico», «Teimosia»,

«Versos para eu dizer de joelhos», «Versos quase tristes» e «Vontade».

Pela voz de todos os críticos deste primeiro momento de recepção da obra *Serra-Mãe* passa a ligação à Arrábida como tema predominante, uma forma de olhar o outro, o mundo ou a vida personificados na serra, uma referência que, como já visto, foi crucial para Sebastião da Gama, não só como motivo literário, mas também como motivação local, como fascínio, como espaço de vida.

A produção literária do jovem poeta prosseguiu, em 1947, com a publicação de *Cabo da Boa Esperança*, o que iniciou um novo ciclo de recepção da sua obra. Contudo, *Serra-Mãe* viria, ao longo dos tempos, a ser tema de abordagem, na imprensa ou em livro, pelo olhar crítico de muitos nomes, de que se destacam Alexandre Ferreira dos Santos, Alexandre Ogino Sartório (que lhe dedicou uma tese de mestrado em 2021, *Linda longa melodia imensa: Poesia e Mística em 'Serra-Mãe', de Sebastião da Gama*, apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), António Manuel Couto Viana (1923-2010), António Cândido Franco, António José Borges, António Mateus Vilhena, Artur Portela (1901-1959), Daniel Pires, Fernando Eloy do Amaral (1923-2009), Guilherme d'Oliveira Martins, João Maia (1923-1999), José do Carmo Francisco, Luciano Pereira, M. Gonçalves Martins, Manuel de Campos Pereira (1906-1981), padre Manuel Marques (1921-2007), Ruy Ventura, Virgínia Motta (1909-??) e Viriato Soromenho-Marques.

Apesar de o ano de 1947 ter tido um novo impulso na obra de Sebastião da Gama com um novo título, a verdade é que esse foi também o ano em que o jovem poeta de Azeitão interveio civicamente em favor da Arrábida, alertando vários jornais e personalidades para a iniciada destruição da Mata do Solitário. É conhecido o teor da carta enviada de Azeitão em 23 de Agosto desse ano, dirigida ao engenheiro Miguel Neves: «Socorro! Socorro! Socorro! O José Júlio da Costa começou (e vai já adiantada) a destruição de metade da Mata do Solitário que lhe pertence. Peço-lhe que trate imediatamente.

Se for necessário, restaure-se a pena de morte. Socorro!» O tom da carta era exagerado, obviamente, mas intencional — urgia defender a Serra. Chegada a missiva ao conhecimento de Carlos Baeta Neves (1916-1992), ela foi o início de um processo que levou à criação da Liga para a Protecção da Natureza (LPN) em 1948, organização que viria a ter influência na preservação da Serra e, mais tarde, na constituição do respectivo Parque Natural. A Arrábida continuaria a ser tema de apresentação e de convite à descoberta no opúsculo *A Região dos Três Castelos*, editado em 1949, concebido para a empresa Transportadora Setubalense (texto incluído, desde 1969, na obra *O Segredo é Amar*).

Quanto à obra literária de Sebastião da Gama, *Serra-Mãe* foi, na verdade, o início de um ciclo — Alexandre Ferreira dos Santos defendeu, em *Sebastião da Gama: Milagre de Vida em Busca do Eterno* (2008), a existência de uma trilogia evolutiva na obra ântuma do poeta, iniciada com *Serra-Mãe*, constituído por poemas produzidos até 1945, correspondentes a uma época de «adolescência poética»; uma segunda fase, «contra o derrotismo e o triste fado lusitano», com os poemas produzidos entre 1945 e 1947, que alimentaram *Cabo da Boa Esperança* (1947); finalmente, a terceira fase, de «maturidade poé-

tica», com textos escritos entre 1948 e 1951, que compõem *Campo Aberto* (1951). Esta explicação faz sentido e vai ao encontro da opinião que defende serem os poemas mais tardios os melhores de Sebastião da Gama.

No entanto, para o poeta, *Serra-Mãe* foi, apesar de todas as considerações críticas, a obra que mais peso terá tido no seu trajecto. Livro organizado e composto durante o período em que estudava em Lisboa, quando concluiu a licenciatura (1947, tempo em que já preparava o segundo livro), escreveu à amiga Maria dos Remédios Castelo-Branco (1929-2024), que o tinha felicitado por já ser «Poeta, Prosador e... Doutor», afirmando: «Doutor. É cómico, sabes? O que me interessa na vida, o que, a meus olhos, me dá importância social e individual, aquilo, ainda, por que tudo sacrificaria — é isto de ser Poeta. A minha verdadeira licenciatura foi a *Serra-Mãe*. (...) E vou agora de cabeça erguida para o *Cabo da Boa Esperança*.» O primeiro livro era, assim, a carta de apresentação que obrigava a prosseguir o trajecto, tal como a obtenção da licenciatura se lhe afigurava como um instrumento para fazer o caminho...

Setúbal  
nos 80 anos de *Serra-Mãe*

# Contributo para uma bibliografia passiva sobre Serra-Mãe, de Sebastião da Gama (autor)

- ALMEIDA, Ruy d'. "Serra-Mãe de Sebastião da Gama". Aléo. Dir.: Fernando Amado. Lisboa: Edições Gama: série IV, ano IV, n.º 27, 1946-03-30, pg. 4.
- AMARAL, Fernando Eloy do. "O menino risonho da Serra-Mãe". O Setubalense ("Mosaico" n.º 4). Setúbal: 1964-02-29, pp. 3-4.
- AMEAL, João. "Rumos do espírito — Serra-Mãe". Diário da Manhã. Dir.: Manuel Múrias. Lisboa: n.º 5325, 1946-03-05, pg. 3 (supl. "Cultura", n.º 145).
- ANDRADE, João Pedro de. "Crítica literária - Serra-Mãe, poemas de Sebastião da Gama". Diário de Lisboa. Dir.: Joaquim Manso. Lisboa: 1946-01-30, pp. 7 e 13.
- ANTUNES, Manuel. "Sebastião da Gama - Serra-Mãe". Brotéria. Dir.: Domingos Maurício. Lisboa: vol. XLII, fasc. 6, 1946-06, pp. 714-715.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes. "Livros - Serra-Mãe". Universitárias - Revista de Cultura. Lisboa: Juventude Universitária Católica Feminina, n.º 18, Jan-Abr.1946, pp. 49-50.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes. "A Serra da Arrábida e os Poetas - Fr. Agostinho da Cruz e Sebastião da Gama". Fotocópia de manuscrito, 6 pp. - BNP, esp 42 MLB, cx. 40.
- BORGES, António José. "Os anos de formação do jovem Sebastião da Gama - A poesia do real na poética vida (Alguns subsídios para uma leitura da sua Serra-Mãe)". Sebastião da Gama - Pelo sonho é que vamos. Coord.: João Reis Ribeiro. Supl. Letras com Vida - Literatura, Cultura e Arte. Lisboa: CLEPUL, n.º 9, 2018-2019, pp. 95-99.
- [BRASIL, Jaime.] "Poesia — Serra-Mãe". O Primeiro de Janeiro. Dir.: M. Pinto de Azevedo Júnior. Porto: ano 78, n.º 104, 1946-04-17, pg. 3.
- CARVALHO, A. Pinto de. "Serra-Mãe, poemas de Sebastião da Gama". O Cezimbrense. Sesimbra: n.º 1015, 06-01-1946, pg. 1.
- CARVALHO, A. Pinto de. "Serra-Mãe: Poemas de Sebastião da Gama". Novidades. Dir.: F. Pais de Figueiredo. Lisboa: n.º 16240, 1946-01-06 - Supl. "Letras e Artes", n.º 1, pg. 4.
- C[ARVALHO], A[morim] de. "Bibliografia — Serra Mãe". Portucale - Revista de Cultura. Dir.: Amorim de Carvalho, Kol d'Alvarenga, Pina de Moraes, Sebastião Pestana, Veiga Pires. Porto: vol. 1 (nova série), n.º 2, Março-Abril.1946, pp. 80-81.
- CINTRA, Luís Filipe. "Carta ao poeta Sebastião da Gama". Diário Popular. Dir: António Tinoco. Lisboa: n.º 1167, 1945-12-26, pg. 4 - "Página Literária".
- CINTRA, Luís Filipe Lindley. "Prefácio". Serra-Mãe, de Sebastião da Gama. 2ª ed. (1.ª na Ática). Col. "Obras de Sebastião da Gama", 1. Lisboa: Edições Ática, 1957, pp. 9-24.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley. "Serra-Mãe". Letras & Letras. Dir.: Joaquim Matos. Porto: J. M. Joaquim Matos, Lda., n.º 107, 1994-04, pp. 16-17.
- FERNANDES, M. Correia. "Sebastião da Gama, poeta da serra, da alma e do sonho". Voz Portucalense. Porto: Diocese do Porto, edição online, 2021-02- 11.
- FERREIRA, Armando Ventura. "Jornal - Serra Mãe". Seara Nova. Dir.: Câmara Reys. Lisboa: n.º 973, 1946-04-06, pp. 220-221.
- FRANCISCO, José do Carmo. "A estreia de Sebastião da Gama". Ler - Livros e Leitores. Dir.: Francisco José Viegas. Lisboa: Fundação Círculo de Leitores, n.º 39, Verão / Outono.1997, pg. 128. Republicação: O Distrito de Portalegre. Portalegre: 2001-01-26 - suplemento "Fanal", n.º 9, pp. 1 e 3.

- FRANCO, António Cândido. “Sebastião da Gama e a Arrábida”. *O Setubalense*. Setúbal: 1989-03-15, pg. 5.
- FURTADO, Maria Teresa Dias. “Ilustração: A síntese harmoniosa - As quatro primeiras edições da obra poética de Sebastião da Gama”. *Artes Plásticas*. Lisboa: AGIL - Artes Gráficas Informação Literária, n.º 19, 1992-08, pp. 98-100.
- GAMITO, J. Noronha. “Maternidade poética”. *A Indústria*. Setúbal: n.º 955, 1945-12-29, pg. 2.
- GUISADO, Alfredo. “Serra-Mãe”. *República*. Lisboa: 1946-03-19.
- H., J. “Serra-Mãe, poemas de Sebastião da Gama”. *A Província*. Montijo: n.º 1, 1949-04-14, pg. 8.
- LUZ, Dinis da. “Pedra sobre Pedra — A Tentação e o Poeta”. *A Voz*. Dir.: L. Fernando de Sousa. Lisboa: n.º 6912, 1946-06-10, pp. 1 e 4.
- MAIA, João. “Bibliografia - Serra-Mãe”. *Brotéria - Revista Contemporânea de Cultura*. Dir.: Paulo Durão. Lisboa: vol. LXVI, n.º 2, Fev.1958, pg. 242.
- MARQUES, Manuel. “Sebastião da Gama: O cantor da Arrábida”. *Novidades*. Lisboa: ano XVII, n.º 6, 1953-02-08, supl. “Letras e Artes”, pp. 1-2.
- MARTINS, Guilherme d'Oliveira. “Arrábida - Encontro com a Serra-Mãe”. DN: edição online, 2024-08-13 - <https://www.dn.pt/718697184/arrabida-encontro-com-a-serra-mae/>
- MARTINS, M. Gonçalves. “Sebastião da Gama cantor de Serra e Mar”. *O Setubalense*. Setúbal: 1969-02-08, pp. 1-2.
- MENDES, Maria do Carmo Cardoso. “Sou terra na terra misturada - Poesia e natureza em Sebastião da Gama”. *Colóquio-Letras*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, n.º 216, Maio/Agosto.2024, pp. 55-74.
- MOTTA, Virgínia. “A Serra da Arrábida e o seu Poeta”. *Jornal do Fundão*. Dir.: António Paulouro. Fundão: n.º 298, 1952-03-23, pg. 3.
- MOURÃO-FERREIRA, David. “Serra-Mãe - Poemas de Sebastião da Gama”. *Jornal de Elvas*. Elvas: n.º 908, 1946-01-07, pg. 3.
- MOURÃO-FERREIRA, David. “Sebastião da Gama - Poesia, Música, Arrábida”. *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Dir.: José Carlos Vasconcelos. Lisboa: n.º 188, 1986-02-10, pg. 4. Republicação: MOURÃO-FERREIRA, David. “Sebastião da Gama: Música, poesia, Arrábida”. *Os Ócios do Ofício*. Lisboa: Guimarães Editores, 1989, pp. 122-125.
- NEMÉSIO, Vitorino. “Arrábida: Poesia e Geografia (Serra-Mãe)”. *Diário Popular*. Dir.: António Tinoco. Lisboa: n.º 1214, 1946-02-13, pg. 5.
- PEREIRA, Luciano. “A representação da Serra da Arrábida na literatura portuguesa”. *Lusofonias - Revista de Estudos Lusófonos, Língua e Literatura dos Colóquios da Lusofonia*. AICL - Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia: n.º 3, 2018, pp. 128-138.
- PEREIRA, Luciano. “A representação da serra da Arrábida em Sebastião da Gama”. *Sebastião da Gama - Pelo sonho é que vamos*. Coord.: João Reis Ribeiro. Supl. *Letras com Vida - Literatura, Cultura e Arte*. Lisboa: CLEPUL, n.º 9, 2018-2019, pp. 47-53. Republicação (revista): “A Serra da Arrábida em Sebastião da Gama”. *Lusofonografias: Ensaios Pedagógico-Literários*. Tübingen: Calepinus Verlag, 2019, pp. 109-117.
- PEREIRA, Manuel de Campos. “Poeta da Arrábida”. *Jornal de um Romancista - IV*. Lisboa: Livraria Ler, [1981], pp. 129-130.
- PORTELA, Artur. “Serra-Mãe de Sebastião da Gama”. *Diário de Lisboa*. Dir.: Norberto Lopes. Lisboa: n.º 12468, 1957-08-22, pg. 7.

- QUADROS, António. “Serra-Mãe”. *Victoria*. Dir.: Domingos Mascarenhas. Lisboa: ano XXX, n.º 59 (nova série), 1945-12-28, pg. 3.
- RELVAS, Carlos. “Sobre Serra-Mãe”. *Vértice*. Coimbra: vol. II, fasc. 7, 1946-06, pp. 196-197.
- RIBEIRO, João Reis. “A Arrábida de Sebastião da Gama”, “Para uma cronologia de Sebastião da Gama”. *Setúbal Mais*. Dir.: Florindo Cardoso. Setúbal: n.º 2, 2014-04-10, pg. 12.
- RIBEIRO, João Reis. “Sebastião da Gama e a Arrábida - Relação feliz”. *Arrábida em contínuo - PNA 40 anos*. Editores: Eduardo Carqueijeiro, Manuel Henriques. Setúbal: ICNF, 2018, pp. 36-39 - edição on line: <http://www2.icnf.pt/portal/turnatur/resource/doc/ap/Arrabida-em-continuo-PNA-40A-v3.pdf>
- RIBEIRO, João Reis. “A Serra-Mãe do poeta Sebastião”. *Jornal de Azeitão*. Dir.: Bernardo Ramos. Azeitão: Santa Casa da Misericórdia de Azeitão, n.º 273, 2019-06, pg. 3. Republicação em: *Setúbal Mais*. Dir.: Florindo Cardoso. Setúbal: n.º 135, 2019-06-06, pg. 6.
- RIBEIRO, João Reis. “Sebastião da Gama e um guia turístico”. *Setúbal Mais*. Dir.: Florindo Cardoso. Setúbal: n.º 146, 2019-12-05, pg. 6. Republicação sob o título “Sebastião da Gama e um guia da região de Setúbal e Arrábida”: *Revista LASA*. Coord.: Salvador Peres, João Reis Ribeiro. Setúbal: LASA, n.º 22, Primavera.2024, pp. 9-11.
- RIBEIRO, João Reis. “Sebastião da Gama no caminho de Agostinho da Cruz”. *Frei Agostinho da Cruz e a espiritualidade arrábida*. Coord.: Ruy Ventura. Lisboa: Fundação Oriente, 2021, pp. 82-88.
- RUSSINHO, A. “Crítica Literária - Os novos trabalham”. *Reconquista*. Dir.: A. Costa Pinto. Castelo Branco: n.º 59, 1946-06-23, pg. 3.
- SANTOS, Alexandre F. *Sebastião da Gama - Milagre da Vida em busca do Eterno*. Pref.: Matilde Rosa Araújo. Posf.: Maria Barroso. Lisboa: Roma Editora, 2008.
- SALEMA, Álvaro. “Horizonte”. *Jornal do Comércio*. Dir.: Dinis Bordallo Pinheiro. Lisboa: n.º 27694, 1945-12-20, pg. 4.
- SALEMA, Álvaro. “Crítica de Livros - Serra-Mãe”. *Vida Mundial Ilustrada*. Dir.: José Cândido Godinho. Lisboa: n.º 242, 1946-01-10, pp. 6 e 16.
- SARTÓRIO, Alexandre Ogino. “Linda longa melodia imensa”: *Poesia e Mística em “Serra-Mãe”, de Sebastião da Gama* (dissertação em Mestrado de Estudos Portugueses e Românicos - especialidade em Literatura Portuguesa). Lisboa: Universidade de Lisboa - Faculdade de Letras, 2021 (edição policopiada)
- SENA, Jorge de. “Alguma poesia e outras considerações desagradáveis”. *Mundo Literário*. Dir.: Jaime Cortesão Casimiro. Lisboa: n.º 2, 1946-05-18, pp. 6-7 e 12-13 - sobre Serra-Mãe nas pp. 12-13.
- SERRÃO, Joel. “Crítica Literária - Serra-Mãe de Sebastião da Gama”. *Aqui e Além*. Dir.: Carlos A. Dias Ferreira. Lisboa: n.º 5, 1946-10, pp. 67-71.
- SILVA, M. Rosas da. “Sebastião da Gama - Serra-Mãe”. *Rumo - Revista de Problemas Actuais*. Lisboa: Editorial Aster, n.º 5, 1957-07, pp. 120-123.
- SIMÕES, João Gaspar. “Livros & Autores - Serra-Mãe”. *Sol*. Dir.: A. Lello Portela. Lisboa: n.º 64, 1946-05-25, pp. 9 e 10.
- SOROMENHO-MARQUES, Viriato. “A Arrábida universal de Sebastião da Gama.” *O Setubalense*: n.º 1277, 2024-04-10, pg. 6.
- SOROMENHO-MARQUES, Viriato. “Sebastião da Gama - Carne e espírito na Arrábida”. *JL - Jornal de Letras*. Dir.: José Carlos Vasconcelos. Lisboa: n.º 1403, 2024-07-10, pg. 33.
- VENTURA, Ruy. *A Chave de Sebastião da Gama*. Pref.: João Reis Ribeiro. Azeitão / Évora: Associação Cultural Sebastião da Gama / Editora Licorne, 2017.

- VENTURA, Ruy. “Uma arqueologia da poesia de Sebastião da Gama”. *A Dinâmica dos Olhares - Cem anos de literatura e cultura em Portugal*. Org.: Ernesto Rodrigues. Lisboa: CLEPUL, 2017, pp. 585-603.
- VIANA, António Manuel Couto. “Frei Agostinho e Sebastião - Do Lima à Arrábida e da Arrábida ao Lima”. *Sebastião da Gama - O Poeta e o Professor - Estudos e Perspectivas*. Coord.: João Reis Ribeiro. Azeitão: Associação Cultural Sebastião da Gama, 2007, pp. 69-80.
- VIEIRA, Célia; NOVO, Isabel Rio. “Serra-Mãe”. *Literatura Portuguesa no Mundo - Dicionário Ilustrado*. Porto: Porto Editora, 2005, vol. 11, pp. 80-81.
- VILHENA, António Mateus; PIRES, Daniel. “Sebastião da Gama”. *A Serra da Arrábida na Poesia Portuguesa*. Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos, 2002, pp. 193-194. Republicação revista: 2.<sup>a</sup> ed. Col. “Clássicos de Setúbal”, 9. Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos, 2014, pp 273-274.

**«Fui quase até ao fim da Praia. E a Serra era uma coisa que não podia dizer-se. Parecia coberta pela cinza, que o Sol aloirava, de um veludo azul. Projecção de mim, a Serra, naquela hora clara e feliz!... E com os olhos nela cantei a “vida”, numa toada que inventei. Eu, hoje, se tivesse um piano, tinha composto mais que qualquer Beethoven. Parece que só a música seria hoje expressão conveniente de mim. »**

Sebastião da Gama

Em carta para Joana Luísa (Dezembro.1944)

# Contributo para uma bibliografia passiva sobre Serra-Mãe, de Sebastião da Gama (cronológica)

## 1945

- SALEMA, Álvaro. “Horizonte”. *Jornal do Comércio*. Dir.: Dinis Bordallo Pinheiro. Lisboa: n.º 27694, 1945-12-20, pg. 4.
- CINTRA, Luís Filipe. “Carta ao poeta Sebastião da Gama”. *Diário Popular*. Dir: António Tinoco. Lisboa: n.º 1167, 1945-12-26, pg. 4 - “Página Literária”.
- QUADROS, António. “Serra-Mãe”. *Victoria*. Dir.: Domingos Mascarenhas. Lisboa: ano XXX, n.º 59 (nova série), 1945-12-28, pg. 3.
- GAMITO, J. Noronha. “Maternidade poética”. *A Indústria*. Setúbal: n.º 955, 1945-12-29, pg. 2.

## 1946

- CARVALHO, A. Pinto de. “Serra Mãe, poemas de Sebastião da Gama”. *O Cezimbrense*. Sesimbra: n.º 1015, 06-01-1946, pg. 1.
- CARVALHO, A. Pinto de. “Serra-Mãe: Poemas de Sebastião da Gama”. *Novidades*. Dir.: F. Pais de Figueiredo. Lisboa: n.º 16240, 1946-01-06 - Supl. “Letras e Artes”, n.º 1, pg. 4.
- MOURÃO-FERREIRA, David. “Serra-Mãe - Poemas de Sebastião da Gama”. *Jornal de Elvas*. Elvas: n.º 908, 1946-01-07, pg. 3.
- SALEMA, Álvaro. “Crítica de Livros - Serra-Mãe”. *Vida Mundial Ilustrada*. Dir.: José Cândido Godinho. Lisboa: n.º 242, 1946-01-10, pp. 6 e 16.
- ANDRADE, João Pedro de. “Crítica literária - Serra-Mãe, poemas de Sebastião da Gama”. *Diário de Lisboa*. Dir.: Joaquim Manso. Lisboa: 1946-01-30, pp. 7 e 13.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes. “Livros - Serra-Mãe”. *Universitárias - Revista de Cultura*. Lisboa: Juventude Universitária Católica Feminina, n.º 18, Jan-Abr.1946, pp. 49-50.
- NEMÉSIO, Vitorino. “Arrábida: Poesia e Geografia (Serra-Mãe)”. *Diário Popular*. Dir.: António Tinoco. Lisboa: n.º 1214, 1946-02-13, pg. 5.
- AMEAL, João. “Rumos do espírito - Serra-Mãe”. *Diário da Manhã*. Dir.: Manuel Múrias. Lisboa: n.º 5325, 1946-03-05, pg. 3 (supl. “Cultura”, n.º 145).
- GUIADO, Alfredo. “Serra-Mãe”. *República*. Lisboa: 1946-03-19.
- ALMEIDA, Ruy d’. “Serra-Mãe de Sebastião da Gama”. *Aléo*. Dir.: Fernando Amado. Lisboa: Edições Gama: série IV, ano IV, n.º 27, 1946-03-30, pg. 4.
- C[ARVALHO], A[morim] de. “Bibliografia - Serra Mãe”. *Portucale - Revista de Cultura*. Dir.: Amorim de Carvalho, Kol d’Alvarenga, Pina de Moraes, Sebastião Pestana, Veiga Pires. Porto: vol. 1 (nova série), n.º 2, Março-Abril.1946, pp. 80-81.
- FERREIRA, Armando Ventura. “Jornal - Serra Mãe”. *Seara Nova*. Dir.: Câmara Reis. Lisboa: n.º 973, 1946-04-06, pp. 220-221.
- [BRASIL, Jaime.] “Poesia - Serra-Mãe”. *O Primeiro de Janeiro*. Dir.: M. Pinto de Azevedo Júnior. Porto: ano 78, n.º 104, 1946-04-17, pg. 3.
- SENA, Jorge de. “Alguma poesia e outras considerações desagradáveis”. *Mundo Literário*. Dir.: Jaime Cortesão Casimiro. Lisboa: n.º 2, 1946-05-18, pp. 6-7 e 12-13 - sobre Serra-Mãe nas pp. 12-13.
- SIMÕES, João Gaspar. “Livros & Autores - Serra-Mãe”. *Sol*. Dir.: A. Lello Portela. Lisboa: n.º 64, 1946-05-25, pp. 9 e 10.
- LUZ, Dinis da. “Pedra sobre Pedra - A Tentação e o Poeta”. *A Voz*. Dir.: L. Fernando de Sousa. Lisboa: n.º 6912, 1946-06-10, pp. 1 e 4.

- RUSSINHO, A. “Crítica Literária - Os novos trabalham”. *Reconquista*. Dir.: A. Costa Pinto. Castelo Branco: n.º 59, 1946-06-23, pg. 3.
- ANTUNES, Manuel. “Sebastião da Gama - Serra-Mãe”. *Brotéria*. Dir.: Domingos Maurício. Lisboa: vol. XLII, fasc. 6, 1946-06, pp. 714-715.
- RELVAS, Carlos. “Sobre Serra-Mãe”. *Vértice*. Coimbra: vol. II, fasc. 7, 1946-06, pp. 196-197.
- SERRÃO, Joel. “Crítica Literária - Serra-Mãe de Sebastião da Gama”. *Aqui e Além*. Dir.: Carlos A. Dias Ferreira. Lisboa: n.º 5, 1946-10, pp. 67-71.

#### 1949

- H., J. “Serra-Mãe, poemas de Sebastião da Gama”. *A Província*. Montijo: n.º 1, 1949-04-14, pg. 8.

#### 1952

- MOTTA, Virgínia. “A Serra da Arrábida e o seu Poeta”. *Jornal do Fundão*. Dir.: António Paulouro. Fundão: n.º 298, 1952-03-23, pg. 3.

#### 1953

- MARQUES, Manuel. “Sebastião da Gama: O cantor da Arrábida”. *Novidades*. Lisboa: ano XVII, n.º 6, 1953-02-08, supl. “Letras e Artes”, pp. 1-2.

#### 1957

- CINTRA, Luís Filipe Lindley. “Prefácio”. *Serra-Mãe*, de Sebastião da Gama. 2.<sup>a</sup> ed. (1.<sup>a</sup> na Ática). Col. “Obras de Sebastião da Gama”, 1. Lisboa: Edições Ática, 1957, pp. 9-24.
- SILVA, M. Rosas da. “Sebastião da Gama - Serra-Mãe”. *Rumo - Revista de Problemas Actuais*. Lisboa: Editorial Aster, n.º 5, 1957-07, pp. 120-123.
- PORTELA, Artur. “Serra-Mãe de Sebastião da Gama”. *Diário de Lisboa*. Dir.: Norberto Lopes. Lisboa: n.º 12468, 1957-08-22, pg. 7.

#### 1958

- MAIA, João. “Bibliografia - Serra-Mãe”. *Brotéria - Revista Contemporânea de Cultura*. Dir.: Paulo Durão. Lisboa: vol. LXVI, n.º 2, Fev.1958, pg. 242.

#### 1964

- AMARAL, Fernando Eloy do. “O menino risonho da Serra-Mãe”. *O Setubalense* (“Mosaico”, n.º 4). Setúbal: 1964-02-29, pp. 3-4.

#### 1969

- MARTINS, M. Gonçalves. “Sebastião da Gama cantor de Serra e Mar”. *O Setubalense*. Setúbal: 1969-02-08, pp. 1-2.

#### 1986

- MOURÃO-FERREIRA, David. “Sebastião da Gama - Poesia, Música, Arrábida”. *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Dir.: José Carlos Vasconcelos. Lisboa: n.º 188, 1986-02-10, pg. 4. Republicação: MOURÃO-FERREIRA, David. “Sebastião da Gama: Música, poesia, Arrábida”. *Os Ócios do Ofício*. Lisboa: Guimarães Editores, 1989, pp. 122-125.

#### 1989

- FRANCO, António Cândido. “Sebastião da Gama e a Arrábida”. *O Setubalense*. Setúbal: 1989-03-15, pg. 5.

## 1992

- FURTADO, Maria Teresa Dias. “Ilustração: A síntese harmoniosa - As quatro primeiras edições da obra poética de Sebastião da Gama”. *Artes Plásticas*. Lisboa: AGIL - Artes Gráficas Informação Literária, n.º 19, 1992-08, pp. 98-100.

## 1994

- CINTRA, Luís Filipe Lindley. “Serra-Mãe”. *Letras & Letras*. Dir.: Joaquim Matos. Porto: J. M. Joaquim Matos, Lda., n.º 107, 1994-04, pp. 16-17.

## 1997

- FRANCISCO, José do Carmo. “A estreia de Sebastião da Gama”. *Ler - Livros e Leitores*. Dir.: Francisco José Viegas. Lisboa: Fundação Círculo de Leitores, n.º 39, Verão / Outono.1997, pg. 128. Republicação: *O Distrito de Portalegre*. Portalegre: 2001-01-26 - suplemento “Fanal”, n.º 9, pp. 1 e 3.

## 2002

- VILHENA, António Mateus; PIRES, Daniel. “Sebastião da Gama”. *A Serra da Arrábida na Poesia Portuguesa*. Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos, 2002, pp. 193-194. Republicação revista: 2.ª ed. Col. “Clássicos de Setúbal”, 9. Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos, 2014, pp. 273-274.

## 2005

- VIEIRA, Célia; NOVO, Isabel Rio. “Serra-Mãe”. *Literatura Portuguesa no Mundo - Dicionário Ilustrado*. Porto: Porto Editora, 2005, vol. 11, pp. 80-81.

## 2007

- VIANA, António Manuel Couto. “Frei Agostinho e Sebastião - Do Lima à Arrábida e da Arrábida ao Lima”. *Sebastião da Gama - O Poeta e o Professor - Estudos e Perspectivas*. Coord.: João Reis Ribeiro. Azeitão: Associação Cultural Sebastião da Gama, 2007, pp. 69-80.

## 2008

- SANTOS, Alexandre F. *Sebastião da Gama - Milagre de Vida em busca do Eterno*. Pref.: Matilde Rosa Araújo. Posf.: Maria Barroso. Lisboa: Roma Editora, 2008.

## 2014

- RIBEIRO, João Reis. “A Arrábida de Sebastião da Gama”, “Para uma cronologia de Sebastião da Gama”. *Setúbal Mais*. Dir.: Florindo Cardoso. Setúbal: n.º 2, 2014-04-10, pg. 12.

## 2017

- VENTURA, Ruy. *A Chave de Sebastião da Gama*. Pref.: João Reis Ribeiro. Azeitão / Évora: Associação Cultural Sebastião da Gama / Editora Licorne, 2017.
- VENTURA, Ruy. “Uma arqueologia da poesia de Sebastião da Gama”. *A Dinâmica dos Olhares - Cem anos de literatura e cultura em Portugal*. Org.: Ernesto Rodrigues. Lisboa: CLEPUL, 2017, pp. 585-603.

## 2018

- BORGES, António José. “Os anos de formação do jovem Sebastião da Gama - A poesia do real na poética vida (Alguns subsídios para uma leitura da sua Serra-Mãe)”. *Sebastião da Gama - Pelo sonho é que vamos*. Coord.: João Reis Ribeiro. Supl. *Letras com Vida - Literatura, Cultura e Arte*. Lisboa: CLEPUL, n.º 9, 2018-2019, pp. 95-99.

- PEREIRA, Luciano. “A representação da Serra da Arrábida na literatura portuguesa”. *Lusofonias - Revista de Estudos Lusófonos, Língua e Literatura dos Colóquios da Lusofonia*. AICL - Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia: n.º 3, 2018, pp. 128-138.
- PEREIRA, Luciano. “A representação da serra da Arrábida em Sebastião da Gama”. *Sebastião da Gama - Pelo sonho é que vamos*. Coord.: João Reis Ribeiro. Supl. *Letras com Vida - Literatura, Cultura e Arte*. Lisboa: CLEPUL, n.º 9, 2018-2019, pp. 47-53. Republicação (revista): “A Serra da Arrábida em Sebastião da Gama”. *Lusofonografias: Ensaios Pedagógico-Literários*. Tübingen: Calepinus Verlag, 2019, pp. 109-117.
- RIBEIRO, João Reis. “Sebastião da Gama e a Arrábida - Relação feliz”. *Arrábida em contínuo - PNA 40 anos*. Editores: Eduardo Carqueijeiro, Manuel Henriques. Setúbal: ICNF, 2018, pp. 36-39 - edição on line: <http://www2.icnf.pt/portal/turnatur/resource/doc/ap/Arrabida-em-contínuo-PNA-40A-v3.pdf>

#### 2019

- RIBEIRO, João Reis. “A Serra-Mãe do poeta Sebastião”. *Jornal de Azeitão*. Dir.: Bernardo Ramos. Azeitão: Santa Casa da Misericórdia de Azeitão, n.º 273, 2019-06, pg. 3. Republicação em: *Setúbal Mais*. Dir.: Florindo Cardoso. Setúbal: n.º 135, 2019-06-06, pg. 6.
- RIBEIRO, João Reis. “Sebastião da Gama e um guia turístico”. *Setúbal Mais*. Dir.: Florindo Cardoso. Setúbal: n.º 146, 2019-12-05, pg. 6. Republicação sob o título “Sebastião da Gama e um guia da região de Setúbal e Arrábida”. *Revista LASA*. Coord.: Salvador Peres, João Reis Ribeiro. Setúbal: LASA, n.º 22, Primavera.2024, pp. 9-11.

#### 2021

- FERNANDES, M. Correia. “Sebastião da Gama, poeta da serra, da alma e do sonho”. *Voz Portucalense*. Porto: Diocese do Porto, edição online, 2021-02- 11.
- RIBEIRO, João Reis. “Sebastião da Gama no caminho de Agostinho da Cruz”. *Frei Agostinho da Cruz e a espiritualidade arrábida*. Coord.: Ruy Ventura. Lisboa: Fundação Oriente, 2021, pp. 82-88.
- SARTÓRIO, Alexandre Ogino. “Linda longa melodia imensa”: *Poesia e Mística em “Serra-Mãe”, de Sebastião da Gama* (dissertação em Mestrado de Estudos Portugueses e Românicos - especialidade em Literatura Portuguesa). Lisboa: Universidade de Lisboa - Faculdade de Letras, 2021 (edição policopiada).

#### 2024

- MARTINS, Guilherme d'Oliveira. “Arrábida – Encontro com a Serra-Mãe”. DN: edição online, 2024-08-13 - <https://www.dn.pt/718697184/arrabida-encontro-com-a-serra-mae/>
- MENDES, Maria do Carmo Cardoso. “Sou terra na terra misturada - Poesia e natureza em Sebastião da Gama”. *Colóquio-Letras*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, n.º 216, Maio/Agosto.2024, pp. 55-74.
- SOROMENHO-MARQUES, Viriato. “A Arrábida universal de Sebastião da Gama.” *O Setubalense*: n.º 1277, 2024-04-10, pg. 6.
- SOROMENHO-MARQUES, Viriato. “Sebastião da Gama - Carne e espírito na Arrábida”. *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Dir.: José Carlos Vasconcelos. Lisboa: n.º 1403, 2024-07-10, pg. 33.

#### Sem data

- BELCHIOR, Maria de Lourdes. “A Serra da Arrábida e os Poetas - Fr Agostinho da Cruz e Sebastião da Gama”. Fotocópia de manuscrito, 6 pp. - BNP, esp 42 MLB, cx. 40.
- PEREIRA, Manuel de Campos. “Poeta da Arrábida”. *Jornal de um Romancista - IV*. Lisboa: Livraria Ler, [1981], pp. 129-130.

**«... a Serra, chamariz sempre novo para os meus olhos.»**

Sebastião da Gama  
Em carta para Joana Luísa (28.Agosto.1944)

**«Tu e a Serra, as minhas duas noivas.»**

Sebastião da Gama  
Em carta para Joana Luísa (29.Agosto.1944)

# Testamento

Quando eu morrer, que me abram uma vala  
nesta Serra da Arrábida encantada.

Que a forrem de alecrim, que eu perfumada  
a carne vil desejo conservá-la.

E à hora em que o Luar mais doce fala,  
e a Lua, lá nos céus, é mais doirada,  
à luz do seu olhar, olhar de fada,  
carcaça minha podem enterrá-la.

Em volta rosmaninho. E um letreiro,  
de mil conchinhas feito, assim dirá:  
‘Aqui dorme seu sono derradeiro

— morto à fome, que o verso não dá —  
um doido que viveu a versejar  
a Arrábida, a Mulher, a Lua, o Mar.

Arrábida, 20.Jan.1942

Sebastião da Gama  
in “Poemas Dispersos”, *O Inquieto Verbo do Mar* (2024)



---

# CADERNOS DO CENTRO DE ESTUDOS

---

VOLUME III

